



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO NA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DA BAHIA

Sonia Maria de Souza Brito

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora do Instituto Federal da Bahia (IFBA).
E-mail soniasbrito@gmail.com.

Iole Macedo Vanin

Doutora em História pela Universidade Federal da Bahia; Professora do Departamento de Ciência Política da UFBA. E-mail iolevanin2007@gmail.com

RESUMO

Nesse texto apresentamos os resultados parciais da pesquisa oriunda do projeto de doutorado “Formação técnica, profissão professora: expressões identitárias das estudantes da Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA), na década de 1970”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos - PPGNEIM /UFBA. Utilizamos como fundamento metodológico as narrativas de ex-estudantes da ETFBA na década de 1970, suas experiências de formação, que nos indicaram evidências de contextos marcados por questões de gênero, muitas vezes interseccionados com as categorias de raça e classe. Confrontando práticas, contextos e discursos pedagógicos, às expressões identitárias expostas nos relatos das estudantes, apresentamos o perfil da comunidade estudantil da ETFBA, na década de 1970, a forma como essas mulheres se identificam em termos de gênero, raça e classe e como se expressam, enquanto estudantes, num ambiente onde representam minoria quantitativa e sociológica. As situações experienciadas pelas estudantes entrevistadas atestam a existência de um contexto generificado no processo formativo da ETFBA, o que se explica, em parte, pelo perfil de gênero que a formação técnica apresentava naquele contexto histórico: marcadamente destinada ao gênero masculino, a formação técnico-industrial em todo o Brasil se constituía como um processo pouco acessível às mulheres e ainda que, na década de 1970, elas comesçassem a se inserir nesse campo de formação, as escolas técnicas continuavam como espaços dominados pela presença masculina. Discutiremos, por fim, possíveis explicações para não inserção, dessas estudantes no mercado de trabalho em suas áreas de formação, tendo como categoria de análise a dinâmica do próprio mercado baiano e soteropolitano, na década em questão, assim como as experiências de formação técnica dessas mulheres no mundo da indústria, como estagiárias. Nesse ponto, identificamos relações entre as situações relatadas e suas escolhas profissionais após a conclusão do processo formativo, buscando possíveis explicações para o redirecionamento dessas técnicas para a profissão docente.

Palavras-chaves: Experiências Formativas; Expressões Identitárias; Gênero, Raça e Classe.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRAT

In this text we present the partial results of the research from the doctoral project "Technical training, teacher profession: identity expressions of the students of the Federal Technical School of Bahia (ETFBA) in the 1970s", developed together with the Postgraduate Studies Program Interdisciplinary on Women, Gender and Feminisms - PPGNEIM / UFBA. We used as a methodological foundation the narratives of former students of the ETFBA in the 1970s, their training experiences, which showed us evidence of contexts marked by gender issues, often intersected with the categories of race and class. Confronting pedagogical practices, contexts and discourses, to the identitary expressions exposed in the students' reports, we present the profile of the ETFBA student community in the 1970s, how these women identify in terms of gender, race and class and how they express themselves, as students, in an environment where they represent a quantitative and sociological minority. The situations experienced by the interviewed students attest to the existence of a generalized context in the formative process of the ETFBA, which is explained in part by the gender profile that the technical formation presented in that historical context: markedly destined to the masculine gender, industrial society throughout Brazil constituted a process that was not easily accessible to women, and even though in the 1970s they began to be included in this field of training, technical schools continued to be dominated by male presence. Finally, we will discuss possible explanations for the non-inclusion of these students in the labor market in their training areas, having as analysis category the dynamics of the Bahian and Soteropolitan market itself in the decade in question, as well as the technical training experiences of these women in the industry, such as trainees. At this point, we identified relationships between the reported situations and their professional choices after the completion of the training process, seeking possible explanations for the redirection of these techniques to the teaching profession.

Keywords: Formative Experiences; Identity Expressions; Gender, Race and Class.

Introdução

Não parece ser possível compreender a história de como as mulheres ocuparam as salas de aula sem notar que essa foi uma história que se deu também no terreno das relações de gênero: as representações do masculino e do feminino, os lugares sociais previstos para cada um deles são integrantes do processo histórico. (LOURO 2006:478)

Se a presença das mulheres nos bancos da escola, se profissionalizando, parece algo natural nos nossos dias, a história desse processo se identifica com as primeiras manifestações femininas e



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

com discussões envolvendo a condição das mulheres na sociedade patriarcal. “As mulheres que estão nas escolas hoje se constituem, não somente pelas e nas práticas cotidianas imediatas, mas também por todas as histórias que as atravessaram” (Louro, 2006: 477-78)

Desde o final do século XIX, o debate em torno do direito à educação e à profissionalização da mulher brasileira ganha voz, através da militância política de mulheres que questionam a exclusão feminina dos direitos garantidos pelo nascente regime republicano que, paradoxalmente, se proclamava liberal ao declarar constitucionalmente que todos são iguais perante a lei. Em um contexto político-social de extrema limitação dessas noções, onde a igualdade formalmente garantida, não atingia os códigos patriarcais, que continuavam submetendo as mulheres ao espaço do doméstico e à vontade do pai e do marido, a luta por igualdade empunhava a bandeira do direito ao voto, à educação e a profissionalização.

Ao longo do século XX, a conquista dos direitos jurídico-políticos e a crescente presença nas escolas e no mundo do trabalho mudam, significativamente, a situação das mulheres no Brasil. Entretanto, a luta não se esgotou com os avanços institucionais e, no bojo dessas conquistas, outras pautas se manifestaram. As lutas feministas, na década de 1970, fundamentou-se na constatação de que profissionalização, as profissões e as organizações profissionais se estruturam hierarquicamente e que os postos disponibilizados pelo mundo do trabalho são delimitados por questões de gênero, na medida em que os estilos e padrões dominantes operam no sentido de incluir ou excluir.

Sob a influência de um “feminismo moderno”, articulado em torno da afirmativa de que “o pessoal é político”, desenvolvido na Europa e nos Estados Unidos, as feministas brasileiras encontraram respaldo ideológico para acirrar os debates em torno de questões como a formação, a divisão sexual do trabalho e o papel tradicional da mulher na família e na sociedade. Nesse contexto de mudanças paradigmáticas, o crescente acesso das mulheres à profissionalização em áreas generificadas, se apresenta como importante passo para romper as barreiras da exclusão, da invisibilidade social e aponta para uma realidade que as brasileiras experienciaram nas últimas décadas do século XX.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Este é o contexto em que se assenta a pesquisa “Formação técnica, profissão professora: expressões identitárias das estudantes da Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA), na década de 1970”, que busca analisar as representações sociais de gênero, presentes no processo formativo profissional dos cursos técnicos de Eletrotécnica, Mecânica e Metalurgia, cujos resultados parciais apresentamos nesse texto.

Utilizamos como fundamento metodológico as narrativas de ex-estudantes da ETFBA e suas experiências de formação, que evidenciaram contextos marcados por questões de gênero, muitas vezes interseccionados com as categorias de raça e classe. Confrontando práticas, contextos e discursos pedagógicos às expressões identitárias expostas nesses relatos, apresentamos o perfil da comunidade estudantil da ETFBA, na década de 1970, a forma como essas mulheres se identificam em termos de gênero, raça e classe e como se expressam, enquanto estudantes, num ambiente onde representam minoria quantitativa e sociológica.

As experiências narradas pelas estudantes são expostas, nesse texto, como testemunhos de um contexto marcado por relações sociais de gênero e das dificuldades por elas enfrentadas para garantirem a formação técnica que, segundo os rígidos padrões da época, estava destinada aos homens. Identificamos em suas memórias os fios que tecem suas histórias de formação e, principalmente, aqueles que unem suas experiências formativas aos estereótipos sociais que demarcam as profissões destinadas aos homens e aquelas adequadas e aceitáveis para as mulheres.

Numa tentativa de alçar os primeiros voos conclusivos, buscamos identificar possíveis explicações para o redirecionamento profissional dessas mulheres para a atividade docente, após a conclusão do processo formativo em áreas que apresentavam, naquele contexto, grande demanda de mão de obra qualificada e crescente oferta de postos de trabalho.

Formação técnico-industrial na ETFBA: um processo marcado pelo gênero.

Como instituição de formação, a escola se apresenta como um espaço de delimitações de espaços. Usando procedimentos e táticas de organização que determinam lugares e dimensões, ela separa, institui e classifica, representando campos de um exercício (desigual) de poder. Segundo



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Guacira Louro (1997, p. 85), os “currículos, regulamentos, instrumentos de avaliação e ordenamento dividem, hierarquizam, subordinam, legitimam ou desqualificam os sujeitos.” Isto porque a escola, da forma como historicamente se institui, não é apenas o espaço de transmissão e produção do conhecimento, mas também o ambiente definidor de identidades étnicas, de gênero, de classe. Como instituição que internaliza e reproduz a cultura da diferença entre os sexos, a escola reflete as referências da sociedade que representa e na qual está inserida.

No contexto da pesquisa indicada nesse texto, a questão de gênero perpassa todo o processo de formação das estudantes que, na década de 1970, ousaram desafiar os limites impostos pela sociedade patriarcal, por suas regras e estereótipos definidores do lugar social das mulheres, do que lhes é adequado e, sobretudo, das áreas profissionais que lhes é permitido atuar. A formação técnica representava uma conquista que as mulheres baianas teriam que assegurar no cotidiano, nas relações sociais dentro e fora da escola e que ia para além do acesso à escola técnica, pois dizia respeito aos espaços que elas ousavam invadir.

Em suas narrativas as mulheres entrevistadas relatam experiências de grandes dificuldades para se afirmarem como estudantes de uma escola técnica. Submetidas a diferentes formas de questionamentos, a começar pela escolha do curso, constatavam as imposições sociais definidoras de severas relações entre curso-sexo/profissão-sexo e eram obrigadas a constituir estratégias para serem aceitas no ambiente escolar e respeitadas pela sociedade que as julgavam por suas escolhas profissionais. Depois de serem consideradas “loucas”, dentro e fora da escola, pela opção de se profissionalizar em eletrotécnica, mecânica ou metalurgia, elas encontraram formas de serem respeitadas negando a própria escolha.

No depoimento de Ana Alice¹, estudante de eletrotécnica, é possível compreender essa realidade:²

¹ Os nomes fictícios das estudantes são representativos de mulheres baianas que se sobressaíram pela atuação política e feminista, ao longo do século XX. Essa escolha representa uma justa homenagem a mulheres que dedicaram suas vidas a luta feminista, se empenhando na conquista por direitos e empoderamento das mulheres.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

(...) as pessoas que encontravam a gente na rua elogiavam muito: “Vocês estudam na Escola Técnica, que bom! Quando eu falava que fazia Eletrotécnica: “menina você é louca? Como é que você faz eletrotécnica? Você vai subir em poste, como é que pode? Você é doida.”(...) As pessoas achavam estranho uma mulher fazer eletrotécnica, por achar que era uma profissão para homens. (...) Também na escola a gente era questionada: os alunos de outros cursos recriminavam o fato da gente fazer eletrotécnica e sempre reclamavam: eletrotécnica não é pra mulher. Vocês deviam fazer Química. (...) A partir de determinado momento quando me perguntavam que curso eu fazia na escola técnica eu dizia: Química. Ai ficava todo mundo feliz e diziam “Que bom! Química é muito bom!”. Todo mundo ficava feliz, enquanto eu perguntava: Meu Deus do céu porque eu não fiz Química? Porque eu não optei por Química? (22.03.2016)

Evidencia-se as inseguranças vividas por essas estudantes ao desafiarem regras estabelecidas culturalmente, sem nem mesmo ter a certeza de que era, de fato, aquilo que queriam para as suas vidas. A demarcação social das profissões femininas explica, em grande parte, suas angústias e indefinições em relação ao curso e profissão escolhidos. Ana Alice aponta essa angústia ao relatar que “a gente tinha muita insegurança: insegurança por ser mulher, insegurança por ter escolhido uma profissão eminentemente masculina, pois naquela época dificilmente a gente encontrava mulheres formadas em eletrotécnica”. (22.03.2016)

As experiências vivenciadas no contexto formativo apontam para uma realidade marcada por relações de gênero, onde a mulher era sempre colocada em condição de inferioridade, de incapacidade ou incompetência e, principalmente, em situação de assédio ou de objeto sexual.

Reproduzindo a posição e o papel que a sociedade determinava às mulheres, a escola técnica definia, em seu contexto formativo, relações patriarcais, onde as estudantes eram sempre consideradas inferiores, com menor capacidade física e intelectual que os colegas. Exemplo disso é a fala de Ana Alice ao relatar que “a própria escola fazia esse tipo de discriminação, uma discriminação que eles julgavam natural: É mulher então não pode fazer, não tem força, não pode conduzir bem”. (22.03.2016)

Também Leolinda reconhece essa condição de inferioridade imposta a elas, enquanto estudantes de cursos não identificados socialmente com o “perfil” que a sociedade demarcava, afirmando que “era constante as situações em que se sentiam colocadas em segundo plano, havendo



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

um reconhecimento explícito de que elas não podiam, não sabiam ou não tinham condições”. (05.05.2016).

O questionamento à capacidade e competência das estudantes se colocava de maneira ainda mais explícita e maléfica, pois as levava, muitas vezes, a também desacreditar de que eram capazes e competentes para desempenhar determinadas funções ou atividades.

O preconceito existia até dentro da sala, porque nossos colegas gostavam de fazer tudo. (...) eles tomavam tudo pra eles fazerem, não queriam que a gente fizesse nada. Diziam que a gente não sabia. (...) eles achavam que só eles tinham capacidade pra exercer, pra fazer e discorrer sobre determinadas experiências. (LILI, 05.04.2016)

Tinham alguns colegas que provocavam. Tinha um, por exemplo, que ficava: “Ah vocês são mulheres, vocês não vão dar conta”. Eu me lembro que uma vez um deles pegou uma lâmpada quente, quando a gente fazia uma experiência na bancada: “Você é mulher, não é? Eu quero ver se você aguenta” e jogou a lâmpada quente e eu aguntei na mão pra não quebrar. (Risos). (FRANCISCA, 29.04.2016)

A crença da superioridade masculina, presente na comunidade escolar, reproduz a construção sociocultural também presente em diferentes contextos e grupos sociais, Torna-se evidente nos discursos de gênero apresentados pelos garotos, uma ideologia que busca, acima de tudo, fazer a mulher acreditar numa “presumida” e “biologicamente explicável” inferioridade.

Ana Alice apresenta um episódio que ilustra claramente essa presunção e a noção de superioridade que os meninos incorporavam e expressavam como algo natural.

Um colega meu me disse no ano que a gente estava formando: “Olha, se alguém lhe pagar um salário pra você ser eletrotécnica, eu te pago o dobro pra você servir cafezinho na minha empresa.” Fiquei arrasada. Porque tinha essa coisa, era em tom de brincadeira, mas no fundo era verdadeiro. Porque a pior coisa é a discriminação camuflada, em tom de brincadeira. Isso aí é muito pior do que você chegar diretamente e falar, pra pessoa ter o direito de se defender. A medida que você fala por brincadeira depois você alega: “Foi só uma brincadeira”. Isso me marcou, fiquei lembrando disso por muito tempo. Você já tá insegura e alguém chega e lhe faz uma proposta dessa, é muito ruim, puxa você pra baixo, lhe afunda. E foi assim que eu me senti naquele momento. Eu pensei: “Gente, não vai dar certo mesmo. Realmente eu acho que não tenho capacidade não”. (22.03.2016)

As estudantes relatam, ainda, situações de sexismo explícitos que se enquadram facilmente na condição jurídica do assédio sexual. Embora algumas delas relativizem com falas como: “mas



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

eles faziam de brincadeira”, ou “era sempre na brincadeira”, a condição de ser mulher era sempre explorada pelos colegas, ou importunada por estes e até por professores.

(...) Na época a gente não tinha farda na escola, a gente ia livremente, com qualquer roupa. Os meninos eram muito abusados e quando a gente ia fazer prova eles diziam assim: “venha de saia porque o professor vai ficar te olhando e enquanto isso a gente pesca.” (ZAHIDÊ, 05.04.2016)

(...) O me chateava é que os meninos eram assim muito abertos para as pornografias. Eu ouvia aquelas coisas e aquilo me incomodava muito. Me sentia desrespeitada! (LILL, 05.04.2016)

(...) No pavilhão de inglês, tinha aquelas escadas antigas, aí minha filha era um auê³ quando as meninas estavam de minissaia. Aquela coisa mesmo do homem... Iam todos ver as meninas subirem as escadas. (FRANCISCA, 29.04.2016)

Situações de assédio por parte de professores também foram descritas pelas estudantes, numa clara demonstração de poder do macho, que atravessava a relação pedagógica professor-estudante e evidenciava relações patriarcais de gênero. A violência do assédio sexual muitas vezes era naturalizada pelo respeito à figura do professor e pela ideia estereotipada de que “isso é coisa de homem” ou que “homem é mesmo assim”. Essas situações foram constatadas em relatos como:

O homem era abusado, ele ficava me olhando o tempo inteiro e era uma agonia. Ficava o tempo inteiro me encarando e os meninos diziam: “é ótimo quando ele fica assim pra você, porque a gente pesca tudo que tem direito” (Risos.). (Ana Alice, 22.03.2016)

(...) Tinha professores que realmente assediavam as garotas, davam carona na ladeira, faziam proposta pra essas meninas. (...) Tinha isso sim. As meninas eram “bonitinhas”, tratadas sempre com carinho especial: “Diga minha querida”; “Diga minha linda”. (...) As meninas eram tratadas mais delicadamente, aquela coisa: “Ela uma graça!⁴”; “Ela é linda!”. Já os rapazes eram tratados de uma forma bem rude mesmo, tratavam mal mesmo. E isso era uma coisa frequente. (Maria Luiza, 27-04-2016)

Esses relatos apontam para uma realidade que, segundo a perspectiva Bourdieusiana, associa-se à violência simbólica, que se manifesta, na escola, na correlação de poder apresentada a partir das desigualdades entre seus segmentos. Para Junqueira (2009, p. 17), a escola difunde uma espécie de “pedagogia do insulto” que se constitui de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos,

³ Auê: expressão regionalizada que se refere a confusão, agitação.

⁴ Graça: expressão que faz referência à beleza.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica”

A violência simbólica de gênero incide sobre a comunidade escolar de diferentes formas, mas nos casos relatados pelas estudantes da ETFBA ela é definidora de relações que, embora naturalizada socialmente, interfere nas expectativas e na própria possibilidade de permanência e de sucesso. Isso porque, esse tipo de violência,

produz intimidação, insegurança, estigmatização, segregação e isolamento; [...] gera desinteresse pela escola; produz distorção idade-série, abandono e evasão; prejudica a inserção no mercado de trabalho; enseja uma visibilidade distorcida; vulnerabiliza física e psicologicamente; tumultua o processo de configuração e expressão identitária; afeta a construção da auto-estima; influencia a vida socioafetiva (JUNQUEIRA, 2009, p.24)

Constatamos essa realidade em relatos como:

E aí na aula do homem já não gostava de ir, não queria mais ir e era uma agonia. (...) E foi assim o tempo inteiro. Eu me sentia assediada, horrivelmente assediada. Eu não gostava dele, eu não gostava nem de olhar pra ele, ir para aula era sempre um tormento. Então eu pensava: “Meu Deus, o que faço?. Cheguei a pensar em desistir. (Ana Alice, 22.03.2016)

Ser mulher, na ETFBA, na década de 1970, era estar submetida a diferentes formas de opressão, principalmente quando se define o perfil social da sua comunidade. Mesmo fazendo parte de um espaço, por elas definido, como de maioria negra, as estudantes expressam uma realidade social cunhada por formas diferenciadas de discriminações e racismos. Ainda que a formação técnica, considerada inferior, sócio e economicamente, à formação superior, tenha sido historicamente ocupada por setores menos abastados da sociedade, o que explica o expressivo percentual de negros na ETFBA, naquele contexto, a realidade é que este não será um espaço onde o racismo ficará ausente.

Embora muitas delas apresentem uma fala de negação do racismo, atestando que poucas vezes experienciaram situações onde o critério de exclusão era a raça, essa negação necessita ser singularizada por visibilizar contradições próprias das experiências narradas. Situações relatadas comprovam a presença da discriminação racial no cotidiano escolar, ainda que algumas estudantes não consigam compreender, assimilar ou reconhecer essa realidade. Expressando-se como uma



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

representação da sociedade que se auto intitula democrática racialmente, a escola técnica também reproduzirá essa ideologia, negando e invisibilizando as ações e atitudes racistas.

“Discriminação racial, não tive nenhuma, até porque dentro da escola técnica a maioria era de negros”.

Não me lembro de discriminação comigo ou com alguma colega por causa da cor, a maioria dos estudantes era negros. (LILI, 05.04.2016)

Entretanto há quem apresente outro tipo de reflexão, particularmente as estudantes mais atentas à dinâmica do espaço de convivência que a escola representava e das relações ali estabelecidas. Alguns relatos apresentam um contexto marcado por preconceitos e definem a forma como a discriminação por gênero se intersecciona com raça e classe.

A discriminação é tão sutil, que você sequer percebe que tá sendo discriminada. Você tem que tá prestando muita atenção aos atos e as ações das pessoas em relação a você pra se ter uma ideia de que aquilo ali é uma discriminação. E era assim que acontecia dentro da escola. E tudo parecia normal. (Lili, 05.04.2016)

Eu costumava não apreender o que diziam, mas era comum as pessoas nos tratarem como “neguinhas” e eu ficava me perguntando por que ninguém chamava as brancas de “branquinhas”. (...) As pessoas costumam falar que na escola não tinha preconceito porque era escola de negros, mas bastava olhar pra ver onde estavam os negros: não eram os professores, não eram os técnicos e muito menos os gestores. Esses eram, na sua grande maioria, brancos. (Luiza, 26-04-2016)

No que tange ao objeto estudado nessa pesquisa, não é possível definir a categoria raça sem interseccioná-la à classe. A sociedade soteropolitana reproduz, em dimensão bastante significativa o perfil da sociedade nordestina e brasileira de forma geral. Parte de um todo caracterizado por desigualdades, construídas por um passado escravocrata e excludente e pela implantação do sistema capitalista, marcado pela divisão de classes, nossa sociedade é cunhada por marcadores de desigualdades como a condição socioeconômica e a cor da pele.

A identidade de classe assumida pela maioria das estudantes entrevistadas e o perfil socioeconômico da instituição, por elas apresentadas, apontam para um contexto escolar marcadamente popular, com expressiva maioria do corpo discente oriunda das classes menos abastadas da população de Salvador. Seus relatos confirmam esse perfil e assinalam uma



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

conjuntura que sugere o reconhecimento do significado que tinha para suas vidas e de suas famílias, a formação técnico-industrial na ETFBA. É evidente que buscavam, no ensino gratuito, oferecido pela instituição, a ascensão econômica e social, através da possibilidade concreta de trabalho, imediatamente após a conclusão do curso.

Redirecionando competências: a título de conclusão

No que se refere à inserção das mulheres que se qualificaram na ETFBA, na década de 1970, no mercado de trabalho, a pesquisa evidencia um processo caracterizado por paradoxos e fortes incoerências. Num contexto de expansão da indústria no estado da Bahia, marcado pela implantação do Centro Industrial de Aratu, no final da década de 1960 e da instalação do Polo Petroquímico de Camaçari, na década de 1970, a ETFBA ficou responsável pela qualificação da mão de obra, por ela demandada.

Para atender as exigências apresentadas pelos novos processos produtivos e as demandas econômicas da região, a instituição incorporou novas dinâmicas de formação técnica, reestruturando-se e implantando novos cursos tecnológicos. Num período marcado por mudanças que visavam formar trabalhadores de nível médio, o aprimoramento e qualificação de mão de obra, a ETFBA representou um vetor importante de formação de técnicos industriais e de incorporação de parcela importante da população jovem da cidade no mercado de trabalho industrial.

Coerente com o contexto econômico do estado, a ampliação da oferta de estágios e de postos de trabalhos nas empresas que se instalavam na cidade de Salvador e em sua Região Metropolitana, é apresentada como uma realidade vivenciada pelos estudantes da ETFBA. Seus relatos, entretanto, apresentam as dificuldades que enfrentaram para acessarem aos postos de estágios e trabalhos, em função das evidentes restrições de gênero. Para Francisca, por exemplo, a larga oferta deixava os estudantes indecisos na escolha pela empresa, mas as meninas não tinham chance, as vagas já vinham com designações: “só para homens”. (29.04.2016)

Leolinda apresenta a abundância de vagas para estágio e emprego e, como as demais, reconhece que os homens eram os favorecidos, constatando a dificuldade por elas enfrentadas para



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

conseguirem estágio interessante. Segundo ela, “tinha muitas vagas, mas as boas, de estágio e trabalho, eram para os homens. Pra gente era difícil” (05.05.2016).

As raras oportunidades de estágio surgiam unicamente nos setores menos valorizados e, por isso, não ocupados pelos colegas. A necessidade imposta pelo regulamento institucional e o desejo de atuar em suas áreas profissionais lhes levavam a assumir postos que não condiziam com as habilidades adquiridas no processo formativo. Assim, se viram na condição de exclusão e principalmente de constante questionamento de suas competências, pelo único e declarado fato de serem mulheres.

Quando chegávamos nas empresas eles olhavam assustados: “mulher agora aqui?” A sensação que tínhamos era que ninguém confiava na nossa capacidade técnica (Francisca, 29.04.2016)

Vaga na indústria para as mulheres só nos laboratórios. Achavam que não suportaríamos a quentura dos fornos, o peso dos equipamentos. (...) Alegavam a “fragilidade da mulher” e não nos absorviam. (Luiza, 26-04-2016)

Na década de 1970, mantinham-se praticamente inabaláveis as ideologias de gênero, sustentadora de concepções patriarcais, que designam às mulheres a responsabilidade pelas atividades ligadas à reprodução, limitando o ingresso e permanência das mulheres no mercado de trabalho. Para Souza-Lobo (1991), a divisão sexual do trabalho se manifesta de forma desigual em termos de oportunidade de acesso, pois adquire formas conjunturais e históricas, revelando-se em diferentes estâncias da vida social e como prática social ou princípio organizador da desigualdade no trabalho.

Iracema Guimarães e Nadya Castro (1987), a partir da análise de dados obtidos em censos demográficos entre as décadas de 1950 e 1980, demonstram a ocorrência de uma ampliação da participação feminina no mercado de trabalho no estado da Bahia. Entretanto, as autoras identificam que as mulheres ainda representavam parcela pequena da população ativa e encontravam-se, principalmente, alocadas no setor de serviços, ao contrário dos homens, cuja maioria expressiva alocava-se na esfera da produção.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ratificando o perfil de gênero da profissionalização e do mundo trabalho, essa realidade impôs redefinições às mulheres que buscavam qualificação técnica, nesse período. A exclusão da profissão escolhida e conquistada com muita dificuldade determinou outro caminho profissional para as estudantes que concluíam os cursos de Eletrotécnica, Mecânica e Metalurgia na ETFBA, na década de 1970: se as empresas não contratavam mulheres, a escola que as qualificara lhes oferecia a oportunidade de utilizar seus conhecimentos técnicos exercendo a profissão docente. De acordo com seus relatos:

As empresas não contratavam mulheres. Na minha turma ninguém foi trabalhar na nossa área, fora nós que ficamos na Escola como auxiliares de ensino. Nenhuma mulher da minha turma foi para a indústria, ninguém seguiu a carreira de metalurgia (Zahidé, 05.04.2016)

A profissão docente, iniciada na função de auxiliar de ensino, designou para essas meninas, recém-formadas técnicas industriais em eletrotécnica, metalurgia e mecânica, um espaço de afirmação profissional em suas áreas de formação. Não havia, no processo formativo, uma determinação desse caminho e não houve, no contexto da decisão, uma escolha, mas sim uma imposição circunstancial que as mobilizaram nessa direção. Para elas,

A gente não escolheu ser professora. Nós não tivemos opção: ficar na Escola Técnica era a certeza de que, imediatamente, a gente poderia se sustentar. (Leolinda, 05.05.2016)

Eu não queria ser professora, eu queria trabalhar na indústria, mas a gente não conseguia vagas. Minha opção foi unicamente por conta do mercado fechado, se tivesse vaga eu não ia ser professora. (...) eu preferia ir pra indústria. (Luíza, 26-04-2016)

Embora apresentada como circunstancial pelas estudantes ouvidas, essa redefinição de carreira encontra respaldo histórico e cultural na forma como as mulheres brasileiras iniciaram seu processo de formação. Desde o final do século XIX e início do XX, a profissão “permitida” e “aceitável” para as mulheres era o magistério, única capaz de permitir a conciliação com o tradicional e enraizado papel da mulher e seus afazeres domésticos. O período em que as estudantes tiveram acesso à ETFBA a profissionalização, seja de nível técnico ou superior, ainda era fortemente marcada pela predominância masculina em determinadas áreas e pela designação de que



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

cabia às mulheres, ocupações ligadas a sua “natural” propensão ao cuidado e ao atendimento aos outros.

Historicamente, construiu-se a ideia de que as profissões adequadas ao perfil feminino são aquelas que permitem estender os papéis de mães, tornando-se educadoras incumbidas de transmitir a cultura ou servidoras dedicadas ao atendimento aos outros. Em outras palavras, aquelas profissões consideradas convenientes à biológica função de procriadora e aos papéis sociais de esposa e mãe. (PASSOS, 1997).

Ao relatarem sobre o redirecionamento profissional, a que foram obrigadas pelo que consideravam como “falta de opção”, as estudantes reconhecem a importância da ETFBA para suas vidas, mas constatam, com certa melancolia, uma espécie de incapacidade de romper completamente com a realidade das mulheres das gerações anteriores.

Estudando na ETFBA rompi com a tradição das mulheres de minha família que eram, em sua grande maioria, empregadas domésticas, mas não consegui romper com a lógica existente na época de que profissão de mulher é o magistério. (Leolinda, 05.05.2016)

É engraçado, eu fui estudar na Escola Técnica porque não queria ser professora como minha mãe e minha tia e, mesmo tendo uma formação técnico-industrial e querendo trabalhar na área de produção, acabei seguindo o mesmo caminho que elas. (Lili, 05.04.2016)

Eu queria trabalhar na minha área, mas naquela época trabalhar de turno era complicado pra nós mulheres, ser professora me pareceu mais tranquilo. (Francisca, 29.04.2016)

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

GUIMARÃES, Iracema B.; CASTRO, Nádyá. O que que a baiana faz? **Caderno CRH**, Salvador, n. 5, 1987.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO. 2009.

LOBO, Elizabeth S. **A Classe Operária tem Dois Sexos**: trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Brasiliense, 1991.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Louro, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

_____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 443-481.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Educação e divisão social do trabalho**: contribuição para o estudo do ensino técnico industrial brasileiro. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. Uma caracterização do trabalho feminino no Pólo Petroquímico de Camaçari-Ba, In: COSTA, ANA ALICE Alcântara e ALVES, Ivira Iracema (Orgs) **Ritos, Mitos e fatos: Mulher e Gênero na Bahia**. Coleção Bahianas. Salvador: NEIM/UFBA, 1997, pp 55-62.

PASSOS, Elizete Silva. Presença feminina nos cursos de Graduação da \universidade Federal da Bahia. In: COSTA, ANA ALICE Alcântara e ALVES, Ivira Iracema (Orgs) **Ritos, Mitos e fatos: Mulher e Gênero na Bahia**. Coleção Bahianas. Salvador: NEIM/UFBA, 1997, pp. 135-150.